

A relevância de classe no debate da desigualdade – Classe social e gênero, intersecções.

Juliana Anacleto dos Santos – Mestranda em Ciências Sociais – PPGCSO/UFJF

Os estudos sobre classes sociais trazem à luz, invariavelmente, o desenvolvimento do tema das desigualdades econômicas. São várias as leituras e entendimentos a cerca do conceito de classe social que se organizam em torno de elementos fundamentais. Faz-se necessário desenvolver minimamente o debate sobre a atualidade dos estudos sobre as classes. Muitas são as críticas, na academia e fora dela, sobre a importância da análise das desigualdades sociais através desta perspectiva. Há um generalizado entendimento sobre a relevância deste tema que impõe a idéia de que as desigualdades caminham na maioria das vezes de forma independente da posição ocupada pelos indivíduos em uma dada estrutura de classes. É o discurso “resposta” ao chamado determinismo econômico, que compreende como fator determinante das desigualdades sociais as questões econômicas advindas do posicionamento dos indivíduos no processo de produção e no mercado. Neste sentido, é necessário compreender os fatores impulsionantes deste embate teórico.

Afirmo que as desigualdades sociais são produtos da condição de acesso desproporcional aos recursos, materiais ou simbólicos, fruto das divisões sociais. E uma das referências teóricas que utilizo para tal definição compreende que não parece ser cientificamente eficiente a análise da desigualdade a partir de uma única variável (classe, raça, sexo...) enquanto uma variável determinante deste fenômeno. Interessante é, analisar de forma concatenada as importantes variáveis impulsionantes das desigualdades a fim de estabelecermos um desenvolvimento de sua gênese, levando em consideração o tempo e o espaço no qual elas se desenvolvem.

Não afirmo aqui que as desigualdades advindas da divisão da sociedade em classes sociais explicam tudo, ou quase tudo, relativo a vida social da era moderna. Longe disso. Mas não podemos deixar de afirmar que a sociedade moderna é uma sociedade dividida em classes sociais e que as relações sociais que os indivíduos mantêm estando posicionado em determinada classe produz um forte impacto nas suas escolhas e nas suas chances de vida.

Este trabalho tem como eixo desenvolver e aplicar justamente esse referencial teórico em sua construção. Considerar o forte impacto do posicionamento individual na

estrutura de posição de classes e perceber se há ou não reflexos das condições de gênero dentro desta estrutura. Para isso, necessitamos compreender o conceito de classes sociais apresentando algumas leituras e elencando alguns principais elementos chaves de cada uma delas.

A partir do século XIX o conceito de classe social se identifica com o funcionamento da sociedade. Karl Marx oferece ao conceito de classe o papel explicativo sobre a história da sociedade. Marx apresentou a construção do conceito de classes no último capítulo de *O Capital*. O fragmento sobre “as classes” interrompe-se precisamente no ponto em que ele parecia estar prestes a oferecer uma declaração concisa sobre a natureza do conceito. Classe surge teoricamente para o pensador a partir da análise de um dado modo de produção. Dizemos isto porque Marx só tratará especificamente das classes sociais após se dedicar ao processo de produção do capital, ao processo de circulação do capital e ao processo de produção capitalista (no primeiro, segundo e terceiro volumes respectivamente).

Os proprietários de simples força de trabalho, os proprietários de capital e os proprietários de terras, cujas respectivas fontes de renda são o salário, o lucro e a renda da terra, quer dizer, os operários assalariados, os capitalistas e os proprietários de terras formam as três grandes classes da sociedade moderna baseada no regime capitalista de produção. (MARX *apud* SANTOS T., 1982)

Assim, o conceito de classes funciona aqui, como uma “personificação” das categorias econômicas centrais de um dado regime de produção. Este dado regime de produção porém, não é estanque, fechado enquanto um modelo. Está associado a outros elementos sócio-econômicos e, com efeito, uso Marx para complementar:

É na Inglaterra, indiscutivelmente, que se encontra mais desenvolvida e na forma mais clássica a sociedade moderna, em sua estruturação econômica. Contudo, nem aqui se apresenta em toda sua pureza esta divisão da sociedade em classes. Também na sociedade inglesa existem fases intermédias e de transição que obscurecem em todas as partes (...) as linhas divisórias. (MARX *apud* SANTOS T., 1982)

Para Marx, não será através da observação empírica que podemos determinar a existência das classes sociais, mas sim da investigação teórica do modo de produção que a constitui:

A questão que imediatamente se coloca é esta: que é uma classe? A resposta a esta pergunta decorre da que demos a esta outra: que é que transforma os operários assalariados, os capitalistas e os proprietários de terras em fatores das três grandes classes sociais? (MARX *apud* SANTOS T., 1982)

Esta questão se resolve através da análise do modo de produção. Marx critica a idéia de que as classes têm origem nas diferentes formas de renda. Neste momento, encerra-se sua obra, deixando em aberto as conseqüências de seu pensamento e análise.

Partindo para outra importante leitura sobre classes sociais, Max Weber em sua obra *Ensaio de Sociologia*, inicia seu entendimento sobre as classes sociais descrevendo a busca do homem pelo poder, ou seja, pela possibilidade de se realizar sua vontade própria em uma ação, mesmo sendo essa ação contrária a vontade de outros homens. Para o teórico o homem pode almejar o poder pelo poder, não somente para enriquecer economicamente. Há também o desejo pelas chamadas honras sociais, por status, que na verdade podemos entender enquanto um poder simbólico muito desejado pelos homens. A forma como o poder econômico e o poder simbólico são distribuídos entre os membros em uma sociedade é chamado por Weber de ordem social, e a divisão da sociedade em classes são fenômenos da distribuição de poder dentro da sociedade.

Para Weber (1971) podemos falar de uma classe quando:

1) certo número de pessoas tem em comum um componente causal específico em suas oportunidades de vida, e na medida em que 2) esse componente é representado exclusivamente pelos interesses econômicos da posse de bens e oportunidades de renda, e 3) é representado sob as condições de mercado de produtos ou mercado de trabalho.

Para o autor a situação de classe indica situações da vida sujeitas a mudanças decorrentes do volume e tipo de poder ou falta deles, de dispor de bens ou habilidades em benefício de renda de uma determinada ordem econômica. Elemento fundamental da análise weberiana sobre classes é apresentado através das chances de vida. A distribuição da propriedade material entre competidores no mercado cria oportunidades específicas de vida, oportunidades essas que excluem os não proprietários da disputa pelos bens mais almejados, e que favorece os proprietários dando-lhes monopólio para a aquisição desses bens. São portanto “propriedade” e “falta de propriedade” categorias básicas para Weber de todas as situações de classe que podem ser diferenciadas pelo tipo de propriedade e pelo tipo de serviço ofertado no mercado. Nesse sentido, Weber desenvolve a idéia de que o tipo de oportunidade no mercado é o momento decisivo para a sorte individual, sendo a situação de classe nesse sentido uma situação de mercado.

Vários são os autores que analisam o conceito de classes tanto em Marx quanto em Weber. Anthony Giddens em *A estrutura de classes das sociedades avançadas* destaca que a nova sociedade será diferenciada, em termos da distribuição de recompensas materiais, mas as relações entre os vários grupamentos na divisão do trabalho serão essencialmente conciliáveis, uma vez que o acesso a posições ocupacionais será determinado não pelo privilégio social ou econômico herdado mas

pelo talento e capacidade. Amartya Sen (2001) dialoga conosco. Apresento o argumento em que o autor afirma que mesmo que as desigualdades baseadas na posse de propriedades sejam completamente eliminadas, podem haver sérias desigualdades que surgem de diversidades nos potenciais (abilities) produtivos, nas necessidades e outras variações pessoais.

As diversidades dentro da categoria classe operária fizeram Marx insistir na necessidade de buscar outras classificações. Na verdade, diferenças de produtividade constituíam somente uma das preocupações de Marx. Ele também concentrou sua atenção na necessidade de considerar diversidades variadas, incluindo diferenças em necessidades (needs), e isso o levou ao bem conhecido slogan “de cada um de acordo com sua capacidade (ability), a cada um de acordo com suas necessidades”.

Já para José Alcides Santos (2002), quando falamos em estratificação de classe estamos nos referindo a desigual distribuição dos poderes e direitos sobre os recursos produtivos básicos de uma sociedade, fator que influencia a vida dos indivíduos e a dinâmica das instituições. Desta forma o posicionamento ocupado na estrutura de classes determina o acesso aos recursos materiais e simbólicos influenciando as trajetórias de vida e as experiências tanto no campo do mercado, como no campo do trabalho.

Classes dizem respeito a localizações estáveis e estruturalmente determinadas na esfera das relações sociais de produção; definem-se em termos de relações de propriedade, ou seja, dos ativos produtivos controlados, e formam categorias de atores sociais caracterizados pelas relações de propriedade que geram exploração. De modo geral, pode-se especificar uma série de tipos de relações levando-se em conta os recursos produtivos que fornecem a base para a exploração. Classes definem-se em termos de um mapa estrutural de interesses materiais comuns baseados na exploração. Devido aos tipos específicos de ativos que controlam, as pessoas de uma determinada classe “enfrentam objetivamente as mesmas amplas estruturas de escolhas e tarefas estratégicas quando procuram melhorar seu bem-estar econômico” (...) Interesses de classe comuns significa compartilhar das mesmas estratégias otimizadoras materiais. (SANTOS, 2002)

Para o marxismo clássico o papel da propriedade dos ativos de capital funciona como a chave fundamental da estrutura de classes no capitalismo. O pesquisador Erik Olin Wright em sua formulação “neomarxista” amplia essa noção somando a ela a vinculação de ativos de qualificação na formação de ocupações privilegiadas, bem como o exercício de poder na forma de autoridade na organização da produção. Para Wright, na leitura de Santos em *Estrutura de posições de classe no Brasil*, veremos:

As correntes marxista e weberiana compartilham igualmente de certas idéias comuns no campo da análise de classes. Ambas as tradições sustentam uma concepção relacional de classes, destacam o papel de controle dos ativos ou recursos economicamente relevantes e entendem que o poder causal de classe opera ao mesmo em parte através do modo como as relações moldam os interesses materiais dos atores. Entretanto, o enfoque weberiano se assenta em um nexos causal entre a condição de classe e as chances de vida que opera essencialmente através das trocas de mercado. A perspectiva marxista defendida por Wright vai além dessa conexão, acrescenta de forma privilegiada a esfera da produção e além disso, considera a interação entre a produção e o mercado, o que lhe permite pensar o conflito na

distribuição, na produção e articulação de ambos. É na esfera da produção que se coloca o problema da exploração, ou seja, do controle diferenciado sobre o esforço de trabalho. (...) As principais vantagens da estratégia marxista de elaboração do conceito de classe em termos de exploração e dominação, enfatiza Wright, se manifestam na articulação entre as esferas da produção e da troca ao se considerar os poderes e direitos sobre os recursos produtivos que estruturam as relações de classe, na forte predileção subjacente à teoria marxista de que os sistemas de classe conduzem ao conflito social, no entendimento de que as pessoas nas localizações de classe subordinadas possuem uma forma de poder social que pode ser usada na luta por seus interesses, na percepção de que os sistemas de exploração envolvem sempre um confronto de opções (trade-offs) entre o uso da coerção e do consenso como a investigação histórica comparativa dos sistemas de classe. (SANTOS, 2002)

Com efeito, importantes elementos teóricos oferecidos pelo trabalho de Wright são os conceitos de opressão econômica e exploração, bem como o entendimento de suas distinções. Para o estudioso, a opressão econômica se dá quando o bem estar da classe que oprime é fato decorrente da privação material de quem é oprimido, sendo o último excluído do acesso aos recursos produtivos. A exploração ocorre quando há transferência de excedente de uma classe para outra, ou seja, o bem estar de quem explora depende da sua capacidade de apropriar-se do trabalho de quem é explorado. Assim, quem explora não tem interesse objetivo na privação de quem é explorado, havendo neste caso um importante interesse no trabalho e no empenho do explorado. São portanto importantes elementos teóricos, pois definem os mecanismos que permitem entender a distribuição do bem estar material, bem como a distribuição do poder econômico.

Através de Santos (2002) temos acesso a idéia sobre as vantagens do conceito de classe centrado na exploração como apresentado por Wright. Para o pesquisador a noção de exploração ganha um significado mais materialista e histórico ao se relacionar à propriedade das forças produtivas, e as diferenças entre os tipos de estrutura de classes ficam mais claras. Ainda, a noção de exploração representa um dos mecanismos chave através do qual a estrutura de classes explica a luta de classes.

Estrutura e tipologia de classe - Através do referencial teórico de José Alcides Figueiredo Santos e Erik Olin Wright, entendemos estrutura de classes como uma estrutura de relações sociais que constrói um sistema de posições ocupadas por pessoas ou famílias e que indica seus interesses. Interessante notar que, as posições ou lugares da estrutura de classe existem independentemente das pessoas que as ocupam, porém estes lugares indicam e determinam os interesses do indivíduo que vier a ocupar-lo. Há de se diferenciar classe de ocupação, ou seja, classes não são agrupamentos de ocupações. Ocupações são posições nomeadas enquanto tal através das relações técnicas

de produção, e classe refere-se a posição através das relações sociais de produção. Com efeito:

A estrutura de classes corresponde a um tipo particular de rede complexa de relações sociais que determina o acesso aos recursos produtivos básicos e molda os interesses materiais. Pode ser representada, adequadamente, como uma matriz multidimensional de localizações determinadas pela distribuição dos ativos geradores de exploração. Essa estrutura de relações sociais gera uma matriz de interesses baseada na exploração. A sociedade capitalista contemporânea assistiu ao desenvolvimento de múltiplas explorações, isto é, diferentes formas de combinação de diferentes mecanismos de exploração. (SANTOS, 2005)

Fato importante para o entendimento de tipologia de classe é o que ocorre quando se ocupa uma dada localização, ou posição da estrutura de classes. Uma série de eventos e um grande número de mecanismos impactam o indivíduo determinando suas oportunidades, suas escolhas e trajetórias de vida. “A noção de localização dentro das relações de classe situa os indivíduos em relação aos poderes e recursos produtivos que são importantes na estruturação de padrões de interação social” (SANTOS, 2002). Assim, oportunidades, escolhas e trajetórias de vida dependem das propriedades da estrutura social. A estrutura de classes está relacionada com a organização das relações de classe. Relevante é apresentar a figura 1, utilizada por Wright enquanto tipologia básica de classes na sociedade capitalista:

		Proprietário		Empregados			
Contrata trabalho		Capitalista	Gerentes especialistas	Gerentes não-especialistas		Exerce autoridade	Relação com autoridade
	Não contrata trabalho	Pequena burguesia	Especialistas	Trabalhadores		Não exerce autoridade	
		Possui qualificações escassas		Não-especialista			
Relação com qualificações escassas							

FIGURA 1. – Tipologia básica de classes na sociedade capitalista.

Em seu estudo, Santos cumpre o desafio de entender a estrutura social brasileira e captar as especificidades da estrutura de classes no Brasil. Constata que há em nosso país uma grande heterogeneidade sócio-econômica dentro de um também grande segmento de auto emprego, evento que ocorre também em outros países ditos “em desenvolvimento”. Em seu livro *Estrutura de posição de classes no Brasil*, Santos constrói uma classificação sócio-econômica para o Brasil apresentando suas categorias e os respectivos critérios operacionais.

Interconexões entre classe e gênero - Para o pesquisador americano Erik Olin Wright tanto o feminismo como o marxismo são teorias emancipatórias, pois elas identificam e

buscam entender as específicas formas de opressão que existem no mundo. No caso do feminismo a opressão das mulheres e no caso do marxismo a opressão dos trabalhadores. Fato é que ambas as teorias acreditam que essas formas de opressão precisam ser eliminadas, e ainda, ambas as teorias vêem o ativo esforço dos grupos oprimidos no núcleo de suas respectivas teorias como uma parte essencial do processo através do qual a opressão é transformada. Para o autor, os intelectuais que estudam ambas as tradições acreditam que a relevância em pesquisar estas teorias sociais está em contribuir com algum caminho para a realização de seus respectivos projetos emancipatórios.

É necessário compreender estas iniciais considerações sobre a teoria feminista e o marxismo para que possamos entender os complexos caminhos em que classe e gênero interagem. Para Wright, salvo raras exceções, isso não acontece. Muitas feministas se afastaram da análise de classes por argumentar que esta análise, em particular a tradição marxista, vem promovendo a classe um papel mais importante, ou melhor, com dimensão fundamental na estrutura social do que gênero. As críticas tomam corpo e crescem quando entra em cena, enquanto núcleo teórico, a clássica idéia do materialismo histórico. Aqui, classe, e de forma alguma gênero, é o centro da dinâmica do processo que oferece à história uma trajetória definida de desenvolvimento. Com efeito, a centralidade de classe na explicação histórica não vincula nenhuma explicação com relação às relações de gênero na sociedade. Porém há uma tendência que faz com que as feministas, que se interessam em entender a opressão de gênero e suas condições de transformação, justifiquem uma cuidadosa análise marxista de classes.

Wright destaca que a tarefa central para a reconciliação entre o marxismo e o feminismo está na possibilidade de se explicar as formas específicas de interação entre classe e gênero enquanto causas de um dado processo. Classe pode ser “mais importante” do que gênero em certos problemas, mas igualmente gênero pode ser “mais importante” do que classe em outros, ressalta o pesquisador. Avanços na análise de classe de gênero e análise de gênero de classe dependem de estudos que deixem claro essas interações. O autor assim nos apresenta uma agenda de elementos importantes que devem ser considerados nesta construção teórica e na pesquisa empírica, mas alerta que não se constitui em uma *teoria* de classe e gênero. Vamos a ela:

Gênero como uma forma de relação de classe - Wright afirma que os conceitos de classe e gênero são analiticamente distintos, existindo situações empíricas em que

relações de gênero por elas mesmas são uma forma de relação de classe, podendo a recíproca também ser verdadeira. Exemplifica esta afirmação citando Engels, em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*: “O primeiro antagonismo de classe que aparece na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e mulher no casamento monogâmico, e a primeira opressão de classe com o sexo feminino pelo sexo masculino”. (ENGELS, 1978 *apud* WRIGHT, 2001)

Cita ainda, um diferente argumento elaborado por Gerda Lerner para a confluência de classe e gênero nas civilizações primitivas. Ela defende que uma das primeiras formas de dominação masculina consistia em os homens efetivamente possuir as mulheres e por esse “mérito” se apropriavam de excedente do trabalho feminino. Para a autora, o mais importante excedente produzido eram as pessoas, as crianças, que se apresentavam enquanto valioso recurso das primitivas civilizações agrárias. A capacidade das mulheres em produzir novas forças de trabalho opera como uma forma central nas relações de propriedade.

Relações de gênero como tendo um impacto causal nas relações de classe e relações de classe como tendo um impacto causal nas relações de gênero - Wright nos explica que certas espécies de posição de classe podem existir somente pelo fato de que específicas formas de relações de gênero estão presentes e exemplifica este caso através dos serviços domésticos. Relações de gênero jogam um papel crucial no trabalho doméstico e no serviço de cuidado com as crianças. Se as relações de gênero fossem extremamente mais igualitárias, este tipo de trabalho por sua própria força não existiriam. A estrutura de relação de gênero ajuda a explicar porque empregos com características particulares têm mais oferta do que outros. Por exemplo, ser solteira e não ter filhos são requisitos importantes para o preenchimento das vagas mais ofertadas.

Da mesma forma relações de classe podem gerar um impacto em gênero diz o autor. A demanda por empregos industriais ou “empresariais” estimula uma rigidez ou força por parte destes trabalhadores, o que reforça uma cultura machista entre os trabalhadores. A competição, a pressão demandadas pelas carreiras gerenciais ajudam a reforçar um elemento específico das relações de gênero na qual donas de casa estão disponíveis para gerenciar os assuntos pessoais de seus maridos.

Wright nos conta que um dos mais importantes caminhos pelo qual as relações de classe e as relações de gênero foram modeladas através dos anos está ligado ao problema do “salário familiar”. O autor apresenta o argumento de Johanna Brenner e Maria Ramas que basicamente diz o seguinte: o constrangimento material da classe

trabalhadora no século dezenove teve grande importância na construção e no desenvolvimento do formato da família trabalhadora e, com efeito, nas relações de gênero. Por conta da alta mortalidade infantil e da necessidade de altas taxas de fertilidade entre os trabalhadores, houve a necessidade das esposas se manterem em casa e os maridos irem ao trabalho fora de casa. Assim, o salário familiar se transforma em um poderoso instrumento que força as mulheres a permanecerem em casa reforçando as diferenças de pagamento entre homens e mulheres. Essas diferenças de pagamento entre homens e mulheres fazem com que as famílias orientem suas estratégias econômicas de classe e seus interesses de emprego valorizando o homem enquanto o provedor do lar, marginalizando o trabalho pago feminino.

Gênero enquanto mecanismo de classificação dentro das localizações de classe -

Para Wright, provavelmente o mais claro aspecto de interconexão entre classe e gênero é o caminho pelo qual gênero classifica pessoas dentro das localizações de classe. Homens e mulheres na força de trabalho têm muitas diferenças ocupacionais e de distribuição de classe, sendo que algumas pessoas explicam essas diferenças se referindo ao gênero de uma forma ou de outra. Poucos são os cientistas sociais que hoje acreditam que as diferenças biológicas entre homens e mulheres são a causa primária da segregação ocupacional de sexo mesmo sendo esta idéia o senso comum. Na ciência social dois elementos que se unem as relações de gênero são tidos como centrais nas explicações de diferenças de gênero na ocupação e nas distribuições de classe. a) processos de socialização de gênero modelam as aspirações e habilidades ocupacionais de homens e mulheres e deste modo afetam os empregos que eles gostariam de ter. b) várias formas de desigualdade, dominação e discriminação afetam diretamente o acesso de homens e mulheres a vários empregos, ou indiretamente afetam o acesso à aquisição de recursos importantes. Desigualdades na divisão sexual do trabalho no ambiente doméstico constroem as estratégias do mercado de trabalho de muitas mulheres e deste modo os empregos nos quais elas podem efetivamente competir. Desta forma Wright enfatiza que discriminação na admissão em determinadas escolas profissionais faz com que haja dificuldades a mais para mulheres em adquirir as credenciais necessárias para ocupar as melhores localizações na estrutura de classes. A pesquisa que Wright desenvolveu junto a Janeen Baxter sobre gap de gênero mostrou que a discriminação de gênero em promoções dentro de hierarquias de autoridade afeta diretamente as probabilidades das mulheres se tornarem gerentes. Nestas instâncias diz Wright, a distribuição de poder e recursos dentro das relações de gênero afetam a

probabilidade de homens e mulheres ocupar certas posições dentro localizações de classe.

Gênero como união mediada pela a localização de classe - Para Wright as pessoas são unidas à estrutura de classes através de uma diversidade de relações outras do que diretamente a localização nas relações sociais de produção. Por exemplo, a localização de classe das crianças é derivada das relações sociais dentro das famílias que envolvem elas à classe de seus pais, porém não necessariamente aos seus empregos. Relações de gênero, explica o autor, constituem um dos caminhos centrais de como união mediada pela estrutura de classe está organizada, especialmente através dos casamentos. Um dos caminhos pelos os quais gênero e classe estão interconectados é através das relações de gênero dentro das famílias e das redes de trabalho de parentesco que unem as pessoas a várias localizações dentro da estrutura de classe. Essas localizações de classe mediadas afetam os interesses de gênero tanto dos homens quanto das mulheres, interesses que eles têm pelo mérito de suas localizações dentro das específicas relações de gênero dentro de suas vidas, e de seus interesses de classe.

Referencias Bibliográficas

- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GIDDENS, Anthony. "A teoria de classes de Marx". In: *A estrutura de classes na sociedades avançadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- GURVITCH, Georges. "O conceito de classes sociais em Marx e em alguns marxistas". In: *As classes sociais*. São Paulo: Global Editora, 1982.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro 3. São Paulo: Bertrand, 1988.
- SANTOS, José Alcides Figueiredo. *Classe social e desigualdade de gênero no Brasil*. Trabalho apresentado no XXIX Encontro Anual da ANPOCS, GT "Gênero na Contemporaneidade, 2005".
- . *Estrutura de posições de classes no Brasil: mapeamento, mudanças e efeitos na renda*. Capítulo I. Belo Horizonte e Rio de Janeiro: Editora UFMG e IUPERJ, 2002.
- . *Uma classificação sócio econômica para o Brasil*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 20, n. 58, p. 27-45, 2005.
- SANTOS, Theotônio. *Conceito de classes sociais*. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.
- SEN, Amartya. *Desigualdade reexaminada*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- WEBER, Max. "Classe, estamento, partido". In: *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- WRIGHT, Erik Olin. "A conceptual menu for studying the interconnections of class and gender". In: Janen Baster e Mark Western. *Reconfigurations of Class and Gender*. Stanford: Stanford University Press, 2001.